



No cotidiano dos professores, fica fácil entender porque o universo tende ao caos. A tentativa de deixar as aulas mais interessantes e próximas da realidade dos alunos se mistura com o plano de desenvolver um projeto extraclasse e termina na lembrança de que ainda falta corrigir as provas de duas turmas.

Fui até a física me confortar porque Caio Dib me levou em uma viagem por outras áreas do conhecimento e trouxe na bagagem um presente para nós educadores. Como lidar com a turbulência do chão da escola e sustentar os projetos inovadores? A manutenção é mesmo um desafio e a termodinâmica já contou essa história. Me inspiro nas analogias assertivas de Caio: precisamos colocar energia no sistema! A escrita concisa e prática anima e alimenta nossa vontade de fazer acontecer. As dicas nos encorajam, já que as ferramentas apresentadas podem de fato nos ajudar a sustentar nossos sonhos na realidade.

O Guia de sobrevivência da educação inovadora nos revela alguns caminhos possíveis que já foram trilhados por diversos educadores e especialistas. A visão panorâmica e criativa de Caio resulta em um livro que incita a práxis docente. É impossível só ler. A praticidade presente em todas as páginas nos convida a entrar e sair da sala de aula renovados e com resultados! Em tempos de urgência por mudança, esse livro é catalisador!


Maria Eduarda Gomes é professora de Língua Portuguesa de uma escola da rede de ensino estadual de Mato Grosso (MT).



CAIO DIB

GUIA DE SOBREVIVÊNCIA DA EDUCAÇÃO INOVADORA

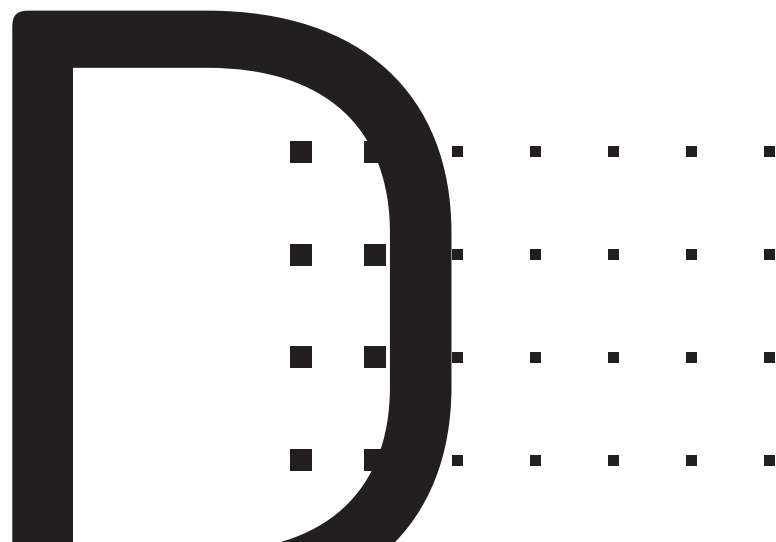
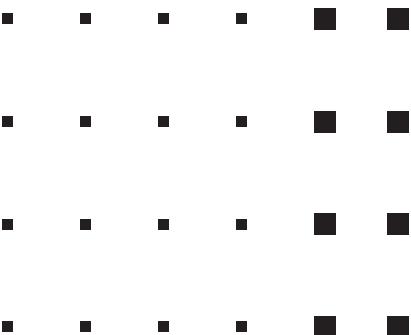
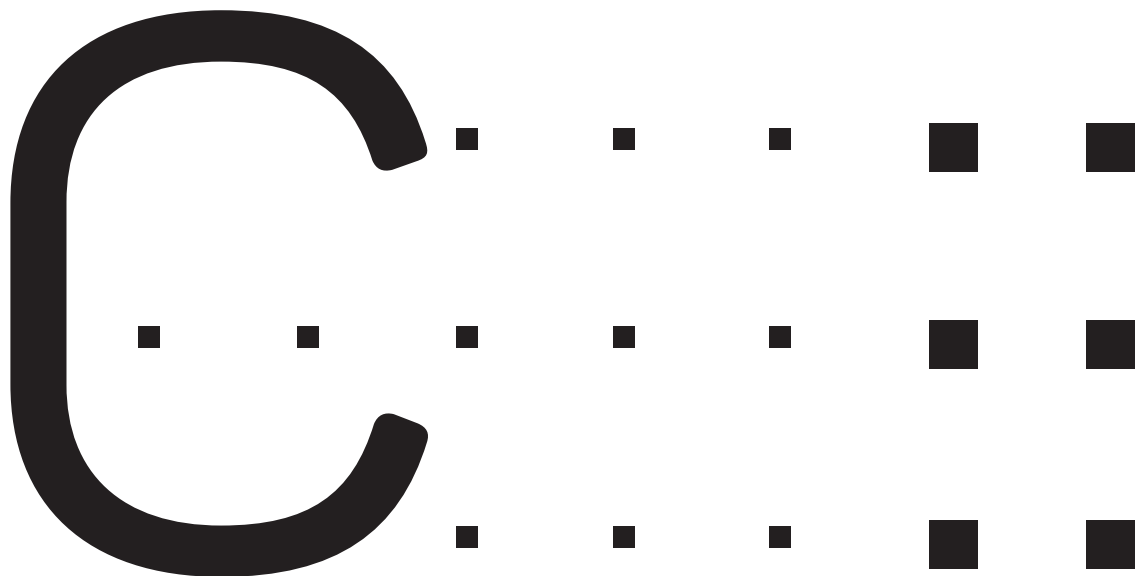
caidono brasil



# Guia de Sobrevivência da Educação Inovadora

---

CAIO DIB



## INDEX

<u>06</u>	Prefácio
<u>16</u>	Introdução
<u>28</u>	Conheça sua turma
<u>36</u>	Base teórica, pra que te quero!
<u>52</u>	Turma, eis aqui a sua proposta
<u>62</u>	O desafio da colaboração
<u>76</u>	A arte de negociar
<u>90</u>	Trabalho bom é trabalho registrado
<u>106</u>	Medir, medir e medir
<u>114</u>	Nas manchetes do jornal
<u>136</u>	Pagando as contas
<u>142</u>	E essa saúde?
<u>156</u>	Mensagem final

---

 Introdução

# UMA RÁPIDA INTRODUÇÃO: POR QUE ESCREVI ESTE LIVRO

OS ÚLTIMOS CINCO ANOS FIZERAM MUITA DIFERENÇA PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL. ATÉ 2013, DIVERSAS INICIATIVAS E SOLUÇÕES CRIATIVAS PARA O SETOR ACONTECIAM POR TODO O CANTO DO PAÍS, MAS ERAM POUCO DIVULGADAS E NOTICIADAS. SEM FALAR QUE O CONTATO ENTRE OS PRÓPRIOS EDUCADORES ERA BEM ACANHADO, AO PONTO DE MUITAS PRÁTICAS INDIVIDUAIS OU ATÉ MESMO INSTITUCIONAIS SEREM DESCONHECIDAS, INCLUSIVE NAS SUAS PRÓPRIAS CIDADES.

Foi nessa época que eu decidi pedir demissão do emprego para me dedicar a entender o que acontecia pelas regiões do país. Caí na estrada durante cinco meses, indo do Pará até São Paulo para conhecer as realidades de 58 cidades, buscando educadores e projetos de todos os tipos que estavam transformando ou podiam transformar suas localidades. Lembro de andar pelas ruas, procurando por boas histórias, e ouvir tanta gente me responder: “Você quer boas histórias em educação? Precisa conhecer a minha!” ou “Vou te apresentar minha tia!” ou até mesmo “Vem comigo que vou te levar numa escola incrível!”. O resultado dessa viagem e das narrativas que conheci foi o livro *Caí no Brasil: uma viagem pela diversidade da educação e mais de 200 palestras pelo Brasil e EUA (sim, continuo na estrada)*. Além disso, divulgo essas boas práticas no portal [www.caindonobrasil.com.br](http://www.caindonobrasil.com.br)

De lá para cá, uma porção de projetos como o *Caí no Brasil* nasceram para localizar abordagens inovadoras e fortalecer as conexões dentro e fora da área da educação. Só para nomear alguns: *Volta ao Mundo em 13 Escolas*, *Quando Sinto que Já Sei*, *CONANE*. Junto com eles, o ecossistema de educação e inovação evoluiu bastante. Institutos e fundações ganharam força, startups encontraram um terreno mais fértil e educadores começaram a ser valorizados em suas

comunidades e na mídia.

Vivemos um novo momento da educação inovadora brasileira. Agora, o desafio é outro. Mais do que mapear e divulgar soluções criativas, precisamos ajudar a fortalecê-las. Depois dos últimos anos encontrando práticas inspiradoras, percebi que a vida de algumas iniciativas ainda é muito curta. Professores e educadores de ONGs têm dificuldade de mantê-las rodando pelo tempo necessário para que tenham o impacto que deveriam. Nos levantamentos que fazemos no Caindo no Brasil, muitos desses projetos não conseguem passar de um ano de existência.

### Mas afinal, o que é esse livro?

Este livro, porém, não falará sobre a realização de práticas inovadoras. Vou tratar aqui daquilo que estou chamando de “bastidores”. São 10 tópicos muito importantes que acontecem além da sala de aula e que considero fundamentais para a sustentabilidade do projeto educativo.

NÃO VOU ABORDAR TANTO SOBRE O QUE FAZER EM SALA DE AULA. SE ESTIVER BUSCANDO ISSO, INDICO O LIVRO FORMANDO MAIS QUE UM PROFESSOR, DE ELIZABETH GREEN!

O objetivo principal será falar sobre esses momentos a partir da experiência que tive entrevistando e convivendo com educadores inovadores e outros atores desse ecossistema de inovação e educação nos últimos anos. Além disso, resgato meus aprendizados como educador, num curso extracurricular com jovens entre 10 e 14 anos. Minha proposta era que criássemos projetos para transformar o bairro onde eles moravam e estudavam. Pensando e trabalhando juntos, desenvolvemos um mapa dos pontos positivos do bairro, instalamos bicicletários nos comércios locais e até mesmo reformamos uma praça em parceria com a prefeitura regional. Mesmo assim, senti que faltou um olhar mais atento para alguns dos bastidores que tornassem esse projeto realmente sustentável.

A partir da investigação de projetos que estão acontecendo (ou aconteceram) no Brasil e da minha experiência pessoal em sala de aula que disso que os 10 “bastidores” para garantir a sobrevivência do seu projeto inovador em educação foram criado. É sobre eles que vamos falar nas próximas páginas.

“TODO O CONHECIMENTO  
ESTÁ CONECTADO A  
OUTROS CONHECIMENTOS.  
A DIVERSÃO ESTÁ EM  
FAZER ESSA CONEXÃO”

Arthur C. Aufderheide

## Ligando pontos

Num famoso discurso para a cerimônia de graduação de uma universidade, o fundador da Apple, Steve Jobs, falou sobre a importância de criar conexões entre diferentes tipos de conhecimento. Disse que, em certo momento de sua formação como engenheiro de computação, decidiu fazer um curso sobre tipografia.

Veja bem, estudar fontes e a maneira de desenhá-las não era algo diretamente relacionado à sua graduação, mas ele decidiu ir a essas aulas simplesmente porque se sentia interessado pelo assunto. Na época, Jobs não sabia, mas o conhecimento sobre o design de letras foi um dos fatores que tornou a Apple tão diferente de todas as outras fabricantes de computador - e, vale dizer, a empresa mais valiosa do mundo. Para os alunos de Stanford, ele explicou a coisa toda assim:

*“Você não pode ligar todos os pontos olhando para a frente; você só pode conectá-los olhando para trás. Então, você precisa **apenas confiar que os pontos se ligarão, de alguma maneira, no futuro.** Você precisa confiar em algo - seu instinto, seu destino, vida, carma, seja o que for. Essa visão nunca me decepcionou e fez toda a diferença em minha vida.”*

Este é o momento no qual você se pergunta por que, diabos, está lendo sobre Steve Jobs num livro sobre educação. Bem, **é que conectar os pontos é a proposta deste livro.** Trabalhamos aqui com a construção de cenários análogos. O que um astronauta pode ensinar a um professor? O meio ambiente? Ou, já que o mencionamos aqui, Steve Jobs? Claro que, para construir essa narrativa, os parágrafos que você lerá a seguir são baseados também em entrevistas com professores e especialistas em educação como Priscila Gonsales (EducaDigital), Fátima Vidal (Projeto Autonomia), Luan Guedes (Noctua Educação), Eduardo Pacífico (Gaia+), Mônica Passarinho (Toca Experiências), Lucas Fonseca (Garatêa), Charles Floriano, Cláudio Avila Menezes (Industrial LAB), André Trindade, Cauê Ferreira, Renato Endo (deeper.Co), Elton Luz (EEEP Alan Pinho Tabosa) entre outros entrevistados e referências bibliográficas para trazer os bastidores da carreira mais para perto da nossa realidade.

Fazer esse cruzamento de informações tem sentido e não é só a gente (e o fundador da Apple) que diz. Quando escreveu *Annus Mirabilis* (também conhecida como a coleção de quatro artigos que mudaram as estruturas da física moderna), Albert Einstein tinha um emprego no Escritório Suíço de Patentes. Em 1905 que o físico viveu sua época mais produtiva, com uma

média de cinco artigos por ano, enquanto dividia seu cérebro em dois campos diferentes.

A verdade é que unir conhecimentos diferentes gera um bocado de ideias. Estamos falando aqui de abandonar vícios de pensamento e preconceitos enrustidos e abrir a cabeça para o que o mundo tem a ensinar.

“O QUE FAZ  
UM BOM PROFESSOR:  
TALENTO INDIVIDUAL  
OU UMA  
BOA FORMAÇÃO?”

## Um exemplo, por favor

A pergunta é feita por Ana Maria Diniz, presidente do conselho do Instituto Península, na introdução do livro *Formando Mais que um Professor*, de Elizabeth Green. Esse questionamento, porém, poderia ser feito nas mais diferentes profissões. O que faz um bom músico: as horas em frente ao piano ou aquilo que chamamos de dom?

Em seu livro, Green aprofunda essa provocação contando sobre como, durante décadas, psicólogos educacionais norte-americanos buscaram a tal fórmula que garantiria a melhor maneira de ensinar. O dilema “talento x formação” seguiu sem resposta por anos.

Até que, no início dos anos 1970, ela conta que o professor Lee Schulman chegou em Stanford para estudar o funcionamento da mente em pesquisas sobre ensino. Apaixonado pela epistemologia, ou o raciocínio sobre o conhecimento, ele focou sua pesquisa no trabalho cognitivo dos professores.

“Lee teve a ideia de estudar o pensamento de uma forma que poderia fazer uma grande diferença. Outros pioneiros da cognição apresentavam problemas

para solucionar e questões para resolver, mas Lee sabia que, na vida real, as questões não vêm embaladas”, explica Elizabeth em seu livro. Para compreender como o conhecimento é gerado, Lee precisaria encontrar objetos de pesquisa certos: profissionais que são solucionadores cotidianos de problemas.

É aqui que os pontos se conectam nessa história. Alguns anos antes de entrar em Stanford, Lee foi apresentado ao diretor da escola de medicina da Universidade Estadual de Michigan. Dele, recebeu um desafio: “Sei que você estuda o processo de solução de problemas complexos (...) Bom, eu acho que medicina é basicamente isso, mas nós, médicos, não entendemos como esse processo funciona. Você não estaria disposto a dedicar metade do seu tempo para pesquisar a solução de problemas médicos?”



É AQUI QUE  
**A MÁGICA  
ACONTECE**

Com o convite, Lee se debruçou sobre esse novo mundo e investigou como dezenas de médicos trabalhavam para encontrar soluções para seus pacientes. Um belo dia, com um dos artigos sobre suas descobertas pronto, resolveu trocar a palavra “médicos” por “professores”. E foi aí que a mágica aconteceu. Enquanto alguns pesquisadores ligados à corrente behaviorista pensavam em cada professor como um coleção de comportamentos, Lee, inspirado na sua visão análoga com médicos, compreendeu que os professores eram “processadores de informações”. A partir disso, o pesquisador defendeu que, para realmente entender as relações de aprendizagem, era preciso enxergá-las do ponto de vista do educador.

*“A questão para os professores, bem como para os médicos, não era ‘qual o melhor comportamento’ e sim ‘**como decidir qual comportamento escolher para cada caso?**’. Era um problema de diagnóstico. **Professores deveriam localizar as patologias de seus pupilos, determinar a melhor intervenção e agir**”, explica Green.*

O avanço no modelo de pensamento sobre o processo de ensinar provavelmente teria demorado mais tempo se um pesquisador não tivesse olhado para fora de sua zona de conforto e ido buscar respostas em outra área de conhecimento. Usar analogias é uma das maneiras

mais potentes de sairmos daquilo que já é comum e rotina para encontrarmos respostas a partir de outras realidades e pontos de vista.

Isso também acontece na natureza. Na ecologia, existe um conceito chamado de “ecótono”. Ele simboliza uma região de transição entre dois sistemas, como a Mata Atlântica e o Cerrado. Essa área divide fauna e flora dos dois biomas - uma junção que existe somente na fronteira entre uma e outra. É no encontro das características particulares dos dois contextos que surge algo único: uma otimização energética. Mais uma vez, pontos (dessa vez, geográficos) que se conectam.

Nos próximos capítulos, aprofundaremos cada um dos “bastidores” que formar esse guia de sobrevivência da educação inovadora. Neles, sempre busquei um exemplo real e brasileiro de quem está fazendo a diferença na educação e também trouxe profissionais de outras áreas que trouxeram novos pontos de vista.